

## *A Segunda Pele, uma exposição - um livro*

Sempre que termina um ciclo de exposições, Balbina Mendes tem por norma registar num livro/catálogo as impressões, a apreciação, as apresentações que durante a itinerância foram produzidas. Assim aconteceu, por exemplo, com " Margens Douro Nascente Foz" e " Máscaras Rituais do Douro e Trás-os-Montes." A publicação destes livros, sempre muito cuidados do ponto de vista do seu conteúdo e do arranjo gráfico, constituem uma espécie de culminar de um projeto e de um tema que durante um certo tempo a assoberbou de trabalho, de pesquisa e de criação artística. E que fica para memória futura.

Mas a verdade é que nem sempre se consegue fechar a porta a certos temas. Ela fica entreaberta e uma réstia de luz teima em impor a sua força. Assim aconteceu com o tema das máscaras. As suas múltiplas ligações antropológicas, sociológicas, culturais obrigaram, exigiram a Balbina Mendes um outro entendimento. A sua influência mágica, a poética que encerram e que continua viva, trouxeram à pintora não a serenidade do trabalho feito, mas a inquietação e o desassossego.

Como assim?, perguntarão.

Podemos dizer, numa primeira análise, que a máscara oculta o rosto, retira-lhe a vida e com ela, aparentemente, a expressividade e o sentido. É, por assim dizer, a própria antítese da face humana. Mas se repararmos bem no uso universal da máscara sobretudo nas sociedades tradicionais (como a que Balbina Mendes tão bem conhece) temos que reconhecer que a máscara longe de ocultar revela; reconhecer que ela retira a expressão pessoal do rosto, mas manifesta aquilo que na vida quotidiana não se pode ver; que ela serve para descobrir um certo sentido do rosto que está para além das aparências.

Invisibilidade, alteridade (um outro eu), identidade são conceitos que a pintora cruza, baralha e recria, conferindo significados plurais a essa relação rosto/máscara.

Fervilhavam no seu espírito inquieto mil questões que precisavam de resposta. E para encontrar o ansiolítico, o calmante, de que precisava, Balbina recorreu a novas técnicas e a novos materiais que lhe abriram um leque de possibilidades criativas que ela soube usar com mestria. Entraram para o seu dicionário artístico privado novos vocábulos: verbos como fragmentar, sobrepor, camuflar, ocultar, desmembrar, imprimir, e materiais como o plexiglass e ainda o recurso às palavras, ao texto escrito apostado ao rosto,

E o extraordinário é a forma como esta conjugação de imagens desenvolveu uma nova semântica, uma narrativa polissémica, em que máscara e rosto se confundem, se enriquecem, se distanciam, se escondem, se colam.

E fá-lo num jogo de sedução entre o que somos, o que parecemos, o que queremos ser, o que gostávamos de ser.... O que gostaríamos de esconder, usando o sortilégio do espelho, do reflexo, da dupla face, da miragem.

Ou seja, por meio destes recursos criativos da arte, este duo (o rosto e a máscara) procurou abrir o caminho à compreensão do que há de mais universal no homem - a vida, a morte e as suas relações.

“A Segunda Pele” chamou a essa nova fase da relação rosto/máscara.

Passado e presente; ancestral e contemporâneo; realidade e ficção. Dicotomias que a sua obra evidencia. Encontrou na poesia, sobretudo na de Fernando Pessoa e seus heterónimos (ou poderemos dizer suas diferentes máscaras?), o filão para desenvolver essa múltipla relação e essa dualidade.

A exposição "A Segunda Pele" fez e talvez ainda continue a fazer a sua itinerância. Mas chegou o momento de guardar em livro.

O que é este livro? O que podemos encontrar no livro?

Primeiro que tudo é um livro com letra maiúscula, que não deixa ninguém indiferente pela força que dele emana. A capa é já antecâmara para o que aí vem no seu interior. É um livro que apetece abrir, com a curiosidade que a capa despertou. O livro é uma galeria de retratos e máscaras, de pessoas que foram significativas na vida pessoal da pintora (a mãe, as filhas, os netos, herdeiros também eles de uma certa cultura) e decisivas na construção e preservação desse espaço mítico que é Trás os Montes. Encontramos, entre outras, figuras como Guerra Junqueiro, António Maria Mourinho, Abade de Baçal, Adriano Moreira, José Meirinhos, Miguel Torga. É um livro que apetece saborear, que apetece folhear com a lentidão que permite apreciar não apenas o todo, mas cada pormenor, cada letra, cada palavra que de forma artística e intencionalmente significativa justapôs em vários retratos recorrendo à literatura e à língua mirandesa. Há uma cadência criada na cor intervalada com uma espécie de separadores neutros que organizam e geram estímulo para a observação dos detalhes pictóricos das páginas seguintes. O nosso olhar voa entre os textos de análise dos muitos especialistas em arte, académicos, admiradores da pintora que deixaram o seu testemunho, e detém-se de novo na explosão de cor e nos poemas de Fernando Pessoa, de Pascoaes, de Saramago, que embriagaram e seduziram Balbina Mendes. E depois há a voz da própria pintora. Balbina Mendes não se esquivou a mostrar o seu sentir. Deixou que o seu eu-sujeito se expressasse nas obras que criou, e em momentos chave do livro transformou-se em objeto de si própria, analisando com palavras suas ou recorrendo aos poetas no processo criativo que a orientou:

Diz ela;

“Ao ler *O ano da morte de Ricardo Reis*, encontrei o ponto de contacto com a série de pinturas que venho desenvolvendo - A Segunda Pele – é Pessoa e Ricardo Reis um outro? Ou dois num só? Ou os inúmeros que habitam em nós?”

Ou

Procuro despir-me do que aprendi/ procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram/e raspar a tinta com que pintaram os sentidos/ desencaixotar as minhas emoções verdadeiras/ desembrulhar-me de ser eu (Alberto Caeiro)."

E concluo dizendo que neste livro a artista *depôs a máscara*. Este livro é o local onde Balbina Mendes, uma genial contadora de histórias, revelou as memórias de uma vida projetando-as para o futuro.

Helena Gil, ex Diretora Regional de Cultura do Norte